

Editorial

Este ano de 2018 é especial para nós, pois estamos comemorando o 55º aniversário da SPPA e o 25º aniversário da *Revista*. A data será festejada oficialmente em outubro, por meio de atividades comemorativas organizadas em conjunto pela Diretoria e pelo Conselho Editorial de nossa Sociedade. Contudo, ao longo do ano estaremos dedicados a marcar estas festividades também por meio de nossas publicações.

Neste número temático sobre *Amor*, prestamos homenagem não apenas à Sociedade e à *Revista*, mas também realizamos um tributo à memória de Madeleine Baranger, psicanalista de origem francesa, conhecida e admirada por todos nós, e que faleceu em 19 de junho do ano passado, aos 97 anos de idade. Lastimamos esta perda e fazemos questão de lembrar aqui sua trajetória de inestimáveis contribuições à psicanálise. Apesar de ser europeia, casou-se com Willy Baranger, psicanalista argentino e, por isto, viveu muitos anos próxima a nós, tanto em Buenos Aires como em Montevideú. Visitou nossa Sociedade em 2001, tendo sido muito apreciada por suas posições teóricas e por sua amabilidade e simpatia.

Como porta-voz para esta homenagem, ninguém melhor do que o nosso mestre e colega Cláudio Laks Eizirik, pelo relevante papel que ele representa para a psicanálise internacional e também para a SPPA em particular. Seu texto resgata aspectos relevantes da história de nossa homenageada, tratando ainda da criação da teoria do *campo psicanalítico* no famoso artigo de 1961, que Madeleine Baranger escreveu em parceria com Willy. Além disto, Cláudio destaca os inúmeros desenvolvimentos teóricos surgidos a partir desse artigo paradigmático, a princípio apenas na América Latina, mas posteriormente disseminados pela comunidade psicanalítica mundial.

Quando decidimos, em 2016, que as temáticas a serem abordadas nos anos seguintes seriam *Ódio* e *Amor*, sabíamos que o número que ora apresentamos seria uma forma de iniciar o ano comemorativo de aniversário com uma conotação simbólica de nosso apreço pela Sociedade e, em particular, pela nossa *Revista*. Evidentemente, não imaginávamos que a triste perda de Madeleine Baranger fosse acontecer, mas consideramos uma feliz coincidência o fato de podermos homenageá-la em um número cujo tema é *Amor*, como uma forma de também demonstrarmos nossa gratidão a esta querida e fundamental autora.

Por que *Amor*? No número de dezembro/2017, mencionamos os motivos de nossa escolha pelo tema *Ódio*. Pensamos que *Amor* seria, por consequência e complementaridade, um conceito basilar a ser estudado.

A palavra amor envolve inúmeras possibilidades de sentido e, enquanto vocábulo de uso coloquial, provoca as mais diversas ressonâncias e adquire os mais variados sentidos. É mencionada e cantada em verso e em prosa e de infinitas formas. No entanto, dificilmente encontramos uma convergência no entendimento acerca do seu significado. Ao buscarmos o sentido em dicionários, ficamos decepcionados pelo pouco esclarecimento alcançado. Cada menção a esta palavra é conotada de acordo com a história das vivências de quem a pronuncia e de quem a escuta. Conforme refere Simonetta Diena em artigo para este número, escritores, poetas, filósofos se lançam na busca de entender a essência do amor, mas esta permanece sempre misteriosa e inconclusiva.

O que falar então do *amor* enquanto conceito psicanalítico? Consta-se que há inúmeras controvérsias. O termo foi introduzido por Freud em nossa disciplina desde seus primórdios. Talvez o uso teórico de uma palavra com sentido laico e com tantas reverberações possíveis ocasione mal-entendidos, pois nem sempre é utilizada com o mesmo significado pelos mais variados autores.

Freud falou em amor nas suas teorizações, cunhando o termo Eros para designar a força pulsional que dirige o sujeito à sexualidade e à vida, considerando amor como o afeto resultante dos investimentos libidinais. Ele afirmava que a psicanálise seria, em essência, uma cura pelo amor, sendo necessário amar a si e aos objetos a fim de não adoecer. Portanto, concebe o *amor* (Eros) como pulsão inata, sujeita a uma séria de vicissitudes ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

No entanto, com a evolução da psicanálise ao longo desses mais de cem anos, o conceito foi muito estudado e abordado por outros autores, e nem sempre recebe a mesma definição teórica. Ao contrário, cada autor foi empregando a mesma terminologia, com sentidos metapsicológicos por vezes incompatíveis com os de Freud. Não existe uma definição inequívoca para o conceito. Melanie Klein, Bion, Winnicott, Lacan, Laplanche e inúmeros outros autores clássicos e contemporâneos transformaram e complementaram os sentidos para o amor na teoria psicanalítica, cada qual utilizando o conceito de forma coerente com as suas bases.

Portanto, julgamos procedente e instigante destinar a este conceito psicanalítico um número temático para nos debruçarmos mais uma vez sobre o assunto, aprendendo o que tem sido estudado e pensado a respeito.

Como de praxe, apresentamos um cardápio com artigos de produção local e internacional. Além dos artigos estritamente psicanalíticos, contamos, ao final, com um texto que percorre a história e a filosofia, abordando as formas através das quais o amor foi se desenhando no decorrer dos séculos da história do pensamento.

De Madri, Gabriel Sapisochin envia o seu artigo *Revisitando My heart belongs to daddy: reflexões sobre o sujeito e seus outros*, com novas contribuições

a um artigo publicado originalmente no *International Journal* em 1999 e que foi reproduzido posteriormente em outros periódicos, inclusive em português, no *Livro Anual de Psicanálise*. Nesta versão aprofundada que nos ofertou, ele trata da articulação entre o pulsional intrapsíquico e o histórico intersubjetivo, colocando que este processo ataca a capacidade de pensar do sujeito e o condena à compulsão à repetição de um passado que não é seu.

Paixões de amor. Oh, something to love é um texto da psicanalista italiana Simonetta Diena, responsável por um livro a respeito do tema *amor* e que nos foi apresentada por Franco Borgogno, ao qual nos sentimos muito gratos. Ela irá afirmar que, apesar das raízes do amor se originarem na primeira infância, as experiências infantis não são suficientes para entender as infinitas e complexas vicissitudes deste afeto ao longo da vida.

Procurando centralizar seu estudo sobre nosso tema em cinco tipos, Rómulo Lander, psicanalista da Venezuela, descreve o amor de paixão, o amor cortês, o amor de conveniência, o amor anaclítico e o discurso de amor, bem como acrescenta considerações sobre a infidelidade.

Franco Fornari foi um psicanalista que exerceu a presidência da Sociedade Psicanalítica Italiana nos anos 70. Lídia Leonelli Langer reflete, neste nosso número, sobre o amor a partir da releitura do pensamento de Fornari, o qual identificava, na vida intrauterina e no parto, a origem e o cerne da vida psíquica em todas as suas manifestações.

Nossa colega da SPPA Cátia Olivier Mello alinha-se a concepções mitológicas para pensar o amor no tratamento analítico como situação total, utilizando-se de vinhetas da análise de crianças e adolescentes para ilustrar suas ideias.

Seguimos com o artigo de outra psicanalista italiana, Anna Ferruta, que reflete sobre as possibilidades de coexistência entre o narcisismo normal, enquanto base de um desenvolvimento saudável, e o relacionamento amoroso, entendido como investimento objetal, o qual é atrativo, apesar de ser frustrante ao mesmo tempo, por representar a falta.

Os três artigos subsequentes foram originalmente publicados na *Revue Française de Psychanalyse*, em 1996. Apesar de já terem transcorrido mais de vinte anos, solicitamos autorização de seus autores para publicá-los agora em português, por considerarmos que eles ainda mantêm interesse e atualidade. O primeiro deles, de autoria de Jacques André, chama-se *O amor capturado pelas palavras*. O segundo artigo é de autoria de Florence Guignard, intitulado *Experiência amorosa, recusa do amor*. E o terceiro, *Amor e paixão: algumas questões em aberto*, foi escrito por Marília Aisenstein.

Conforme mencionado anteriormente, finalizamos com o trabalho cujo título

é *O amor, um pássaro rebelde*, de autoria de Marisa Faermann Eizirik, psicóloga e doutora em Educação pela UFRGS, que nos proporciona, através de seu texto, uma reflexão histórico-filosófica sobre este instigante e misterioso tema que é o *amor*.

A todos desejamos uma boa leitura! À Sociedade e à sua *Revista*, um feliz aniversário!

Lúcia Thaler
Editora da *Revista de Psicanálise da SPPA*